

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL INTEGRADA
EM SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE**

**USO ABUSIVO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS:
REPERCUSSÕES NA VIDA DO DEPENDENTE QUÍMICO**

MONOGRAFIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Natalia Dalla Côte Cantarelli

Santa Maria, RS, Brasil

2011

USO ABUSIVO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: REPERCUSSÕES NA VIDA DO DEPENDENTE QUÍMICO

Natalia Dalla Côrte Cantarelli

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Sistema Público de Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Sistema Público de Saúde.**

Orientador: Prof. Dr. Jadir Camargo Lemos

Santa Maria, RS, Brasil

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL INTEGRADA
EM SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,

Aprova o Artigo de Especialização

**USO ABUSIVO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: REPERCUSSÕES
NA VIDA DO DEPENDENTE QUÍMICO**

Elaborado por
Natalia Dalla Côrte Cantarelli

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Sistema Público de Saúde

COMISSÃO EXAMINADORA:

Jadir Camargo Lemos, Dr.
(Presidente/Orientador)

Maria Saleti Lock Vogt, Dra.
(UFSM)

Marlene Gomes Terra, Dra.
(UFSM)

Santa Maria, Junho de 2011

RESUMO

Artigo de Pós-graduação
Programa de Residência Multiprofissional Integrada em
Sistema Público de Saúde
Universidade Federal de Santa Maria

USO ABUSIVO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: REPERCUSSÕES NA VIDA DO DEPENDENTE QUÍMICO

AUTORA: NATALIA DALLA CÔRTE CANTARELLI
ORIENTADOR: JADIR CAMARGO LEMOS
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 18 de junho de 2011.

O presente estudo tem por objetivo provocar a reflexão sobre as repercussões na vida do dependente químico a partir dos dados encontrados em pesquisa exploratória documental previamente realizada no Serviço de Recuperação de Dependentes Químicos do Hospital Universitário de Santa Maria – RS. A sistematização dos dados da pesquisa proporcionou material para pensar nas dimensões que o fenômeno toca o indivíduo, como aspectos familiar, ocupacional e social. A partir disso, conclui-se que a consolidação de um modelo efetivo de atenção aos usuários de álcool e outras drogas deve passar pela produção de mudanças nas formas de abordagem da questão, sendo de fundamental importância o desenvolvimento de intervenções voltadas para a adolescência. Através da constituição de uma clínica ampliada de cuidado, com iniciativas efetivas de promoção e prevenção à saúde, torna-se possível minimizar as consequências do abuso de substâncias ao longo da vida.

Palavras-Chaves: Saúde Mental, Dependência Química, Adolescência

ABSTRACT

Artigo de Pós - graduação
Programa de Residência Multiprofissional Integrada em
Sistema Público de Saúde
Universidade Federal de Santa Maria

ABUSIVE USE OF ALCOHOL AND OTHER DRUGS: CONSEQUENCES IN LIFE OF THE CHEMICALLY DEPENDENT

AUTORA: NATALIA DALLA CÔRTE CANTARELLI
ORIENTADOR: JADIR CAMARGO LEMOS
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 18 de junho de 2011.

This study aims to provoke reflection on the impact on the lives of addicts from the data found in exploratory documentary previously performed at the Department of Drug Recovery, of the University Hospital of Santa Maria - RS. The systematization of the research data provided material to think at the dimensions that the phenomenon touches the individual like family, occupational and social aspects. From this it follows that the consolidation of an effective model of care to users of alcohol and other drugs must go through changes in ways of addressing the issue, being of fundamental importance to the development of interventions aimed at teens. Through the establishment of an expanded clinical care, with effective initiatives to promote health and prevention, it becomes possible to minimize the consequences of substance abuse throughout the life.

Keywords: Mental Health, Chemical Dependence, Adolescence

1. Introdução

A problemática do uso abusivo de álcool e outras drogas vêm sendo compreendida como um fenômeno complexo que envolve não só o usuário, mas a sociedade como um todo. Essa temática passa a ganhar espaços nas discussões de diversas instâncias, pois, atualmente, é entendida como um grave problema social e de saúde pública.

Considera-se relevante trazer alguns fragmentos da história referentes à questão das drogas, pois se acredita que a forma como o sujeito é entendido, a sua representação social está diretamente relacionada às práticas de tratamento que lhes serão desenvolvidas. Pois, seja para criar ou para aperfeiçoar um tratamento, inevitavelmente, se está partindo de uma concepção de sujeito.

Importante mencionar que a interdição legal das drogas passa a ser considerada no continente americano no início do século XX, tendo emergido nos Estados Unidos e encontrado ressonância em países latino-americanos que passam a ratificar resoluções, e assim, passam a aparelhar seus códigos penais. A partir desse momento o Estado passa a desenvolver um amplo aparato jurídico-institucional com o objetivo de proibir a venda e o consumo de várias substâncias que até então tinham a produção, venda e consumo liberados. Assim, os governantes aperam através de leis antidrogas com o intuito de identificar, perseguir e servir como reclusão de anormais, pessoas que eram vistas como um desvio da ordem moral vigente (RODRIGUES, 2001).

Dessa forma, as intervenções em relação ao problema das drogas restringiam-se ao estabelecimento do controle do uso e do comércio das substâncias ilegais, a fim de preservar a segurança e a saúde pública no país. Em relação a isso, os primeiros centros de tratamento, ligados ao poder público adotavam apenas medidas assistenciais destinadas aos consumidores de drogas ilícitas, alienando os dependentes de álcool e tabaco destes serviços, já que essas drogas eram mais toleradas pelos governantes (MACHADO e MIRANDA, 2007).

No entanto, a partir dos processos de reforma sanitária e psiquiátrica oriundos da década de 70 que o cenário da saúde nacional passou por uma série de transformações possibilitando a ruptura com antigos paradigmas de caráter discriminatório e de exclusão do sofrimento psíquico. Estes movimentos tiveram repercussão no reconhecimento e na produção de esforços pelos direitos dos pacientes e, certamente, influenciaram os notáveis avanços em relação à atenção às pessoas que sofrem pelo abuso de substâncias (SOUZA e KANTORSKI,

2007). Nesse momento, o usuário de drogas passa a ser visto não somente como um criminoso, mas também como um doente. À primeira vista, a designação de “doente” pode parecer bastante pejorativa, porém sugere um grande avanço, pois passa a considerar a saúde desses sujeitos, mesmo que através da doença. Atualmente, a lógica de tratamento prima pelo desenvolvimento de estratégias que considerem a importância da integração entre os profissionais de saúde, da família, e da reinserção social para o tratamento, mas ainda é possível identificar intervenções, cujos objetivos baseiam-se numa visão reducionista, tendo a abstinência como único objetivo a ser alcançado (BRASIL, 2004; BUCHER e OLIVEIRA, 1994).

Além disso, embora os problemas com álcool e tabaco tenham a maior prevalência, resultando nas mais graves consequências para a saúde pública mundial, devido a causa de problemas clínicos, psiquiátricos e sociais; este panorama acaba sendo mascarado pela preocupação exclusiva com os psicotrópicos ilícitos (BRASIL, 2005; FERREIRA et al., 2005; NOTO et al. 2003). Da mesma forma, a literatura nacional reforça que e a grande maioria das pessoas que procuram atendimento sofre pelo uso de álcool (SILVA et al. 2010; FARIA e SCHNEIDER, 2009; FORMIGA et al. 2009; NOTO e GALDURÓZ, 1999).

O presente contexto de ênfase no combate às drogas ilícitas, incentivo ao consumo de substâncias legais, maior prevalência e procura de usuários de álcool nos serviços públicos e a persistência de concepções e práticas repressoras na contemporaneidade; torna necessária a reflexão destes aspectos que envolvem os usuários de álcool e outras drogas. Desta forma, o presente estudo tem por objetivo de provocar a reflexão acerca das repercussões que o uso abusivo de álcool e outras drogas acarreta na vida do dependente químico.

2. Método

O presente estudo é do tipo exploratório documental, de natureza quantitativa, desenvolvido no período de dezembro de 2010 à fevereiro de 2011 em um Serviço de Recuperação de Dependentes Químicos do Hospital Universitário de Santa Maria – RS (SERDEQUIM). Esta unidade interna pacientes de ambos os sexos para tratamento de álcool e outras drogas, à exceção de tabaco. Conta com 15 leitos, sendo 3 destinados para mulheres. O tempo de internação varia em torno de 7 dias, havendo avaliação da equipe para definir se o o prazo deve se estender por mais alguns dias.

Este estudo é resultado parcial da pesquisa “Reconhecendo a dinâmica do fluxo de usuários na Linha de Cuidado de Sofrimento Psíquico a partir do Serviço de Recuperação de Dependentes Químicos (SERDEQUIM) do Hospital Universitário de Santa Maria”, desenvolvido a partir da experiência dos residentes do Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Sistema Público de Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no processo de trabalho das ênfases de atenção hospitalar e atenção básica.

A amostra do estudo foi composta pelos registros de usuários do serviço que internaram durante o período de primeiro de outubro de 2009 a trinta de outubro de 2010. A fonte de coleta dos dados foi o SAME – Serviço de Arquivo Médico e Estatístico – HUSM.

A coleta de dados foi realizada diretamente nos prontuários disponíveis no arquivo do Hospital Universitário de Santa Maria, através de um instrumento construído pelos pesquisadores especificamente para este estudo.

O instrumento de pesquisa, constituído por 36 questões fechadas, organizadas em três blocos A, B e C, que correspondem, respectivamente, às informações sócio-demográficas do sujeito, ao histórico de internações do usuário e aos dados referentes à condição de saúde do usuário na última internação.

O conteúdo deste instrumento de pesquisa foi estruturado e fundamentado nos estudos de Muza et al. (1997), Passos e Camacho (1998) e Formiga et al. (2009), entretanto, adaptações foram feitas para atender o objetivo desta pesquisa.

Foi realizado um pré-teste do instrumento de pesquisa com 60 prontuários com a finalidade de testar as questões que pudessem ocasionar maiores dúvidas e para que a coleta de dados ocorresse de maneira padronizada pelos pesquisadores.

De acordo com o referido período da amostra, totalizou-se 177 prontuários referentes aos registros de pacientes internados, sendo que 17 foram excluídos da pesquisa, pois não estavam disponíveis no arquivo durante o período de coleta.

Como exigido, o estudo seguiu os preceitos éticos que regulam a pesquisa com seres humanos (Resolução 196/96) e, assim, a coleta de dados iniciou-se após pronunciamento favorável do DEPE – Direção de Ensino, Pesquisa e Extensão do Hospital Universitário de Santa Maria, feito via ofício; e após o parecer favorável do CEPE - Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria, sendo aprovado com CAEE 0307.0.243.000-10.

Firmou-se, também, compromisso de que as informações seriam utilizadas única e exclusivamente para fins acadêmico-científicos previstos neste estudo.

Quanto à organização e a sistematização dos dados, foram realizados pelo programa MICROSOFT EXCEL analisados estatisticamente de forma descritiva e os resultados apresentados em tabelas em forma de frequência e percentual.

3. Resultados e Discussão

Através do processo de sistematização dos dados, constatou-se um elevado número de internações de usuários na faixa etária de 31 a 50 anos (n=103), compreendida como altamente produtiva. Considerando que este número de indivíduos perfaz 63,12%, iremos nos deter neste artigo, a aprofundar a análise dos dados destes prontuários. Dentre eles, a grande maioria homens (95,06%), sem ocupação (55,44%), separados/divorciados (29,70%) e solteiros (31,68%). Além disso, as variáveis de sexo, idade e substância de consumo, cruzadas e estruturadas na Tabela 1, demonstram o número expressivo do consumo prevalente de álcool.

Tabela 1 – Distribuição dos sujeitos quanto as variáveis demográficas e substância de consumo

		Substância de Consumo									
Sexo	Idade	Álcool		Álcool + outra droga		Outro droga		NC*		Total (indivíduos/%)	
		(n)	%	(n)	%	(n)	%	(n)	%	(n)	%
Masculino	17 a 30 anos	2	1,25%	8	5,00%	1	0,63%	0	0,00%	11	6,88%
	31 a 50 anos	72	45%	25	15,63%	0	0,00%	0	0,00%	97	60,63%
	> 50 anos	41	25,63%	2	1,25%	0	0,00%	0	0,00%	43	26,88%
Feminino	17 a 30 anos	0	0%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,63%	1	0,63%
	31 a 50 anos	4	2,50%	2	1,25%	0	0,00%	0	0,00%	6	3,75%
	> 50 anos	2	1,25%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,25%
Total		121	75,63%	37	23,13%	1	0,63%	1	0,63%	160	100%

Através desses dados, pode-se inferir que, embora exista um número relevante de usuários de substâncias ilícitas que procuraram internação no referido período, a grande maioria dos sujeitos buscou o serviço devido ao sofrimento pelo abuso de álcool. Estes resultados apontam na mesma direção da pesquisa realizada pelo CEBRID - Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo - no ano de 2001. O estudo foi responsável pelo o 1º Levantamento Domiciliar Sobre Drogas

Psicotrópicas no Brasil, tendo por objetivo estimar a prevalência do uso ilícito de drogas, de álcool, de tabaco e do uso não médico de medicamentos psicotrópicos, além de esteróides anabolizantes. A pesquisa foi realizada nas 107 maiores cidades brasileiras, com população superior a duzentos mil habitantes, tendo sido entrevistados 8589 sujeitos. A faixa etária esteve entre 12 e 65 anos de idade, perfazendo um total de 41,3% de representatividade da população brasileira. O estudo confirmou que o consumo de drogas lícitas no país, especialmente o álcool e o tabaco, foi muito maior que o consumo de drogas ilícitas. Os autores apontam que, na população pesquisada, 11,2% são dependentes de álcool e 9% são dependentes de tabaco, contrapondo-se ao resultado de usuários de maconha correspondente a cerca de 1,0% (CARLINI et al., 2002).

No entanto, embora alguns estudos ressaltem a questão do álcool como um grave problema de saúde pública que acarreta, inclusive, as mais graves consequências a nível mundial, esse panorama acaba, frequentemente, mascarado pela ênfase que nossa sociedade confere às drogas ilícitas (NOTO et al. 2003)

A diferenciação de significados que permeiam a questão das drogas na sociedade moderna pode ser facilmente identificada através de qualquer publicitação no universo midiático que verse sobre esta temática. Ao tentar recordar alguma exposição, provavelmente, o conteúdo imagético formado será consoante com a grande contradição de sentidos que as envolve. De um lado, as drogas lícitas, geralmente abordadas através de uma publicidade sofisticada que estimula o consumo, evocando uma imagem glamourizada, vinculada à saúde, beleza e sucesso. Por outro, as ilícitas, em que se vinculam imagens de perigo, doença e morte, além da indissociação do sentimento de prazer (ACSELRAD, 2000).

Essa desproporção representativa, presente no discurso social, reserva para a questão das drogas um lugar de mito construído em que a narrativa simbólica é usada, muito mais para combater uma série de desvios da ordem social vigente do que para tratar a questão em si. Dessa forma, as produções publicitárias, inscritas nesse contexto, exercem o papel de cúmplices nas explicações e justificações dessa visão preconcebida. (BUCHER e OLIVEIRA, 1994).

A visão reducionista acerca do assunto não fica restrita à mídia, mas está presente, inclusive, nas próprias políticas nacionais de saúde. É possível identificar, através de algumas diretrizes, “a distinção entre drogas lícitas e ilícitas, considerando um ideal de sociedade protegida do uso de drogas ilícitas e uso indevido de drogas lícitas” (SOUZA e KANTORSKI, 2077, p.4).

No entanto, de acordo com os dados encontrados no presente estudo, ao contrário do que vem sendo propagado através de alguns discursos, como midiáticos, de campanhas de governo; ressalta-se a necessidade de considerar os problemas relacionados não só às drogas ilícitas como às lícitas, nesse caso em particular, do abuso de álcool.

Atualmente, o abuso de álcool é considerado um dos maiores problemas de saúde devido ao impacto mundial que acarreta; tanto em termos sociais, quanto financeiros (BRASIL, 2004). Enfatiza-se que as consequências advindas do abuso da substância atingem não só o sujeito que faz uso, como também os familiares e a sociedade em que está inserido (Alves, 2004).

Exemplo disso, no presente estudo, constatou-se o grande número de sujeitos sem ocupação (55,44%). Ressalta-se o fato de que a prevalência de usuários encontra-se na faixa etária de 31 a 50 anos, período de vida que correspondente socialmente ao de maior produtividade do ser humano. A expectativa para esses indivíduos seria que estivessem em formação escolar, iniciando ou consolidando sua atividade ocupacional. Porém, evidencia-se que mais da metade dos sujeitos dessa faixa etária ou não iniciaram uma atividade ocupacional ou perderam o emprego. Além da porcentagem descrita, 8,9% de prontuários referentes aos sujeitos de 31-50 não continham dados suficientes a respeito da condição ocupacional, não sendo possível inferir considerações a respeito.

Esses dados sobre a condição ocupacional coincidem com os dados encontrados na pesquisa de Formiga et al. (2009), a qual teve por objetivo comparar os perfis de pacientes dependentes químicos que internaram em uma Unidade de Desintoxicação (UD) de Porto Alegre/RS em 2002 com os que internam em 2006. O delineamento desse estudo foi transversal, retrospectivo, tendo sido realizado por meio de prontuários. A amostra foi por conveniência, composta por dois grupos: todos os pacientes internados na UD do mês de setembro ao mês de dezembro de 2006 (n=118); e todos os pacientes internados nesta mesma unidade nos meses de abril e maio de 2002 (n=202). Embora algumas diferenças entre os perfis tenham sido observadas, os dados sobre a ocupação revelaram que a maioria dos sujeitos estava desempregada, tanto em 2002 quanto em 2006, (57,9%) e (43,2%) respectivamente.

Segundo Duarte (1986), as dificuldades observadas em relação a esse aspecto podem estar relacionadas a duas situações. Uma situação diz respeito ao fato de que o indivíduo vai, gradualmente, comprometendo suas condições físicas, psicológicas e sociais à medida que o álcool ou outras drogas se constituem como prioridade em sua vida. A outra situação se

refere ao estigma em relação a esses sujeitos, o que acaba por dificultar a oportunidade de uma vaga de trabalho ou, mesmo, a permanência no emprego; evento que se constitui num fator desestruturante da organização familiar.

No que diz respeito à situação civil, os dados demonstram que há um grande número de indivíduos solteiros (31,68%) e separados/divorciados (29,70%). Sobre isso, Schenker e Minayo (2004) referem que adictos e os usuários abusivos, geralmente, tem dificuldade em sustentar as estruturas familiares funcionando, ocorrendo de não formarem uma família ou não manterem, fato que se deve a dificuldades na regulação das relações e dos afetos. Além das referidas porcentagens, 6,8% de prontuários não continham dados suficientes a respeito da situação civil.

Outro dado que merece atenção diz respeito ao tempo de uso abusivo da substância por parte desses usuários, o qual é referente a 24 anos, em média. Esse dado nos sinaliza que não só o contato inicial ocorreu na adolescência, como a situação de abuso se configurou por volta dos 18 anos. Essa evidência concorda com dados encontrados por Soldera et al. (2004) no estudo realizado no ano de 1998, que teve por objetivo determinar a prevalência do uso pesado de álcool e verificar se variáveis sociodemográficas, culturais e psicopatológicas poderiam estar influenciando este uso por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas públicas e particulares da cidade de Campinas (SP). A amostra foi constituída por 2.287 estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas públicas e particulares da cidade de Campinas, sendo que a média de idade foi de 15,8 + 2,7 (mínima de 11 anos e máxima de 26). Os resultados mostraram que a média de idade da primeira experimentação do álcool se deu muito cedo (12 anos). Fato considerado pelos pesquisadores como preocupante, na medida em que, quanto mais cedo inicia o contato com o álcool, maior é a probabilidade de que se estabeleça a dependência desta droga (WILLIAMS, 1998).

É compreensível que a maior exposição às drogas esteja, frequentemente, associada à adolescência, pois esta fase se constitui como um período crucial do desenvolvimento. Caracteriza-se pela busca de um lugar próprio, através do processo de abandono do mundo infantil para a construção de uma identidade adulta. Em decorrência dessas mudanças, esta fase envolve instabilidades e transformações biopsicosociais que causam atrito com o meio familiar e se dirigem à busca de identificações no social. (ABERASTURY e KNOBEL, 2008).

No entanto, embora essas características possam tornar o adolescente mais vulnerável, inclusive à droga, entende-se que o contato com essas substâncias faz parte de qualquer

cultura e pode ocorrer em qualquer faixa etária. Contudo, a partir do reconhecimento da inevitabilidade da exposição e do uso de psicotrópicos, considera-se essencial fornecer instrumentos para que o consumo produza o menor prejuízo possível ao indivíduo que faz uso, e à sociedade (CORRÊA, 2002).

O autor reconhece como sendo de fundamental importância o desenvolvimento de intervenções complementares de cunho preventivo e de promoção de saúde, em que o olhar sobre o jovem envolvido com drogas seja um olhar ampliado.

Cabe mencionar que, apesar da série de estudos que apontam a adolescência como a fase de maior exposição ao consumo e possível desenvolvimento do uso abusivo de psicotrópicos, verifica-se a falta de serviços, intervenções, programas e espaços dedicados a esse público (MARQUES e CRUZ, 2000; CARLINI et al., 2002; SCHENKER e MINAYO, 2005; PRATTA e SANTOS, 2006).

Nos próprios programas de atenção a usuários de álcool e outras drogas, pode-se evidenciar esse paradoxo. Por um lado, a constatação de que a adolescência constitui um período de fragilidades que tornam o adolescente mais suscetível às drogas. Por outro, os textos que regulamentam as políticas públicas, embora contemplem a necessidade de desenvolver ações específicas para esse público, não especificam, nem regulam essas práticas.

Constata-se, nestes programas, a carência do reconhecimento de um lugar próprio para o adolescente na construção do cuidado. A escassez de práticas destinadas à atenção à adolescência pode estar associada ao prolongamento do uso abusivo de substâncias que, em grande parcela dos casos, como no presente estudo, sugere a relação com uma série de complicações ao longo da vida adulta.

4. Conclusão

Considerando a faixa etária de maior incidência (31 a 50 anos) e o tempo médio de consumo (24 anos), constata-se que, além do uso precoce da substância; o abuso de álcool ocorre por volta dos 18 anos e se estende por longo tempo na vida do indivíduo, acarretando uma série de complicações nas relações sociais, familiares e ocupacionais.

Frente a estes resultados, nota-se a necessidade da realização de estudos que busquem o reconhecimento do perfil dos usuários dos serviços, além do desenvolvimento de práticas pensadas multidisciplinarmente a fim de possibilitar a criação de dispositivos que contemplem as singularidades dos usuários, através do desenvolvimento de planos terapêuticos condizentes com as particularidades de cada sujeito. Através disso, torna-se possível, não somente identificar, mas pensar em estratégias de cuidado que visem a reinserção do usuário, com o intuito de promover e/ou reforçar os vínculos sociais, familiares, ocupacionais e de assistência à saúde.

Os dados apontam a adolescência como período não só de início, mas de abuso da substância; dessa forma, entende-se a necessidade de elaboração de intervenções complementares voltadas para essa fase do desenvolvimento. Nesse sentido, é fundamental o desenvolvimento de pesquisas direcionadas aos demais aspectos que envolvem o uso de drogas com o intuito de proporcionar uma maior compreensão do indivíduo e do contexto social no qual está inserido, a fim de possibilitar o desenvolvimento de novas abordagens de tratamento condizentes com propostas de promoção e prevenção de saúde.

Diante da complexidade deste fenômeno, entende-se que a criação de planos de tratamentos adequados aos usuários de álcool e outras drogas deve pautar-se no trabalho interdisciplinar, nos moldes da intersetorialidade presente nas diretrizes do Sistema Único de Saúde, na busca da construção de formas de subjetivação e de novos projetos de vida.

Referências Bibliográficas

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- ACSELRAD, G. A. **Educação para a Autonomia: a construção de um discurso democrático sobre o uso de drogas**. In: (org) Avessos do Prazer: Drogas, aids e direitos humanos. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2000.
- ALVES, H.; KESSLER, F.; RATTO, L.R.C. Comorbidade: uso de álcool e outros transtornos psiquiátricos. **Revista Brasileira Psiquiatria**. vol.26 suppl.1 São Paulo, Maio, 2000.
- BRASIL. A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas/ **Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Secretaria de Atenção a Saúde**, CN-DST/AIDS. – 1ª ed. – Brasília, 2004.
- BRASIL. Reforma Psiquiátrica e política de Saúde Mental no Brasil. Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental : 15 anos depois de Caracas/ **Ministério da Saúde, Reforma Psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**, Brasília, novembro, 2005.
- BUCHER, R. & OLIVEIRA, S. R. M. (1994). O discurso do "combate às drogas" e suas ideologias. **Revista Saúde Pública**, 28 (2), 137-145
- CARLINI, E.A. et al. I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil. São Paulo: CEBRID, **Centro Brasileiro de Informações sobre as Drogas Psicotrópicas**. UNIFESP, 325-328, 2002.
- CÔRREA, G. Escola-Droga. **Revista Verve**. 2002.
- DUARTE LDF. **Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Editor/CNPq, 1986.
- FARIA, G. G. e SCHNEIDER, D. R. O Perfil dos Usuários do Caps-Ad Blumenau e as Políticas Públicas em Saúde Mental. **Psicologia & Sociedade**; 21 (3): 324-333, 2009
- FERREIRA, F.G.K.Y. et al. Uma visão multiprofissional humanizada no tratamento da pessoa com dependência química em enfermagem psiquiátrica de um hospital geral no Paraná. **Cogitare Enfermagem**; 10(2): 54-62, maio-agosto, 2005.
- FORMIGA, L.T et al. Comparação do Perfil de Dependentes Químicos Internados em uma Unidade de Dependência Química de Porto Alegre/RS em 2002 e 2006. **Revista HCPA**, ;29(2):120-126, 2009.
- KESSLER, R.C. et al. - Comorbidade: uso de álcool e outros transtornos psiquiátricos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. vol.26 suppl.1 São Paulo, Maio, 2004.

MACHADO, A.R.; MIRANDA, P.S.C. Fragmentos da história da atenção à saúde para usuários de álcool e outras drogas no Brasil: da Justiça à Saúde Pública. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro V.14, n.3, p.801-821, julho/setembro, 2007

MARQUES, A.C.P.R; CRUZ, M.S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira Psiquiatria**. vol.22 s.2 São Paulo, Dezembro. 2000.

MUZA, G.M., BETTIOL, H., MUCCILLO, G. BARBIERI, M.A.; Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP(Brasil). I - Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. **Revista Saúde Pública**, vol. 31, p. 21-29, Fevereiro, 1997.

NOTO, A.R., GALDURÓZ, J. C. F. O uso de drogas psicotrópicas e a prevenção no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.4, n.1, p.145-151. 1999.

NOTO, A. R. et al. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2003.

PASSOS, S. R.L. e CAMACHO, L.A.B.; Características da clientela de um centro de tratamento para dependência de drogas. **Revista de Saúde Pública**, vol. 32, p. 64-7. Fevereiro, 1998.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M.A. Levantamento dos motivos e dos responsáveis pelo primeiro contato de adolescentes do ensino médio com substâncias psicoativas. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas**, vol.2 no.2 Ribeirão Preto, Agosto, 2006.

RODRIGUES, T. M. de S. Política e Drogas na América. **Revista Verve**. 2001.

SCHENKER, M; MINAYO, M.C.S. A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20(3):649-659, maio/junho, 2004.

SILVA, L.H.P. et al. Perfil dos Dependentes Químicos Atendidos em uma Unidade de Reabilitação de um Hospital Psiquiátrico. **Esc Anna Nery(impr.)** julho/setembro, 2010.

SOLDERA, M.et al.. Uso pesado de álcool por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas centrais e periféricas de Campinas (SP): prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira Psiquiatria**, 26(3):174-9, 2004;.

SOUZA, J.; KANTORSKI, L.P. Embasamento Político das Concepções e Práticas Referentes às Drogas no Brasil. **Revista Eletrônica Saúde Mental álcool e Drogas**. Volume 3, número 2, artigo 2, 2007.

WILLIAMS, C.L., PERRY C.L. Preventing alcohol problems during adolescence. Lessons from project Northland. *Alcohol Youth* 1998;22(2). [cited 2004 Aug 2]. Available from; <http://www.niaaa.nih.gov/publications/arh22-2/107-116.pdf>